

Resta relevar a importância da descoberta destas pinturas, especialmente pelo razoável estado de conservação do seu motivo mais visível, e esperar que se tomem medidas para a sua conservação, até porque se encontram nos esteios de um dólmen que está classificado como «monumento nacional» (Decr. de 16-6-1910).

EDUARDO JORGE LOPES DA SILVA

Grupo de Investigação Arqueológica do Norte
Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

BIBLIOGRAFIA

- LEISNER, G., (1956), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, Madrider Forschungen 1, Berlin.
- MOITA, Irisalva, (1966), *Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta*, «Ethnos», 5.
- SARMENTO, Martins, (1933), *Dispersos*, Coimbra.
- SHEE, Elizabeth, (1974), *Painted Megalithic Art in Western Iberia*, Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, Vol. I, Porto.
- SHEE, Elizabeth Twohig, (1981), *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford.

Micrólitos Geométricos Provenientes de Monumentos Megalíticos do Norte de Portugal: Breve Nota

Introdução

Como é bem sabido, os micrólitos geométricos abundam nos túmulos megalíticos portugueses, nomeadamente da Beira e do Alentejo ⁽¹⁾, sendo também frequentes em grutas naturais utilizadas como necrópoles e em grutas artificiais; parece ocorrerem mais escassamente nos povoados fortificados calcolíticos do tipo V.^a N.^a de Pedro — Zambujal, e serem raros, ou estarem ausentes, nas sepulturas de falsa cúpula, tradicionalmente designadas *tholoi*.

Está por fazer uma tipologia sistemática deste tipo de artefactos, com base num critério de classificação uniforme, que poderia inspirar-se no que foi proposto pelo grupo de investigadores franceses que procuraram sistematizar a tipologia do instrumental epipaleolítico-mesolítico ⁽²⁾. Mais genericamente, há que rever as concepções habituais acerca do seu significado cronológico-cultural no âmbito da Pré-história recente do nosso país.

⁽¹⁾ V., por ex., V. Leisner, Micrólitos de tipo tardenoisense em dólmenes portugueses, *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, vol. II, 1970, pp. 195-198. A designação de «tardenoisenses» atribuída aos micrólitos portugueses é hoje obviamente obsoleta, como mostraram os trabalhos de Roche relativos a Muge.

⁽²⁾ Cf. G. E. E. M., Épipaléolithique-Mésolithique. Les microlithes géométriques, *Bull. de la Société Préhist. Française*, t. 66, 1969, Études et Travaux, pp. 355-366.

A presença de micrólitos em dólmenes de diferentes tipos e proporções, bem como noutros monumentos funerários, foi interpretada pelos Leisner como um «resíduo» cultural de filiação mesolítica, o qual provaria uma certa continuidade evolutiva entre «o povo dos concheiros» e o dos construtores de sepulcros colectivos. Escreveria V. Leisner em 1966 (3): «A Cultura Megalítica mantém, durante toda a sua existência, a ligação ao micrólito: o que constitui uma prova da sua origem indígena e da sua correspondência com o desenvolvimento local, estando desta forma, ainda, em contraste com as tholoi, nas quais, como acontece nos sepulcros de falsa cúpula de Los Millares, no Sudeste, faltam o micrólito e o machado cilíndrico.» Já ao comentar o material encontrado nas grutas artificiais do Casal do Pardo (Palmela), a mesma autora, juntamente com Zbyszewski e Veiga Ferreira (1961), considerava que: «Oriundos do Neolítico das grutas, o machado cilíndrico e a indústria microlítica (...) encontram-se como resíduos culturais nas grutas artificiais» (4). Por outro lado, no seu livro sobre as «Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz» (1951), os Leisner haviam integrado os micrólitos no material de época neolítica, considerando os segmentos de círculo, os trapézios simétricos e os triângulos escalenos como mais antigos, e os trapézios assimétricos como mais evolucionados; os mesmos autores notaram que o trapézio com «enchoche» na base menor é raro em dólmenes de corredor, aparecendo no entanto na Beira (5).

(3) V. Leisner, As diferentes fases do Neolítico em Portugal, *Arqueologia*, n.º 7, Junho 1983, p. 11 (artigo originalmente publicado em *Palaeohistoria*, XII, 1966).

(4) V. Leisner, G. Zbyszewski e O. V. Ferreira, *Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1961, Memórias, n.º 8, p. 56. Nesta estação estão ausentes os segmentos de círculo, e os trapézios e triângulos isósceles são raros. Os tipos mais frequentes são os «trapézios iniquilaterais» (assimétricos com truncação maior alongada) e os «trapézios de base rectilínea». Os autores fazem notar a frequência do aparecimento dos micrólitos com uma «enchoche» na base menor, também presentes nas «cistas megalíticas» de Monchique, no Algarve. Mas acrescentam que um dos tipos mais característicos de Monchique, com uma forma quase rectangular, não aparece em Palmela, «cujos micrólitos se inserem nos tipos encontrados nos monumentos megalíticos e nas grutas ocidentais.»

Nas grutas artificiais de S. Pedro do Estoril não surgiram micrólitos, no entanto presentes em Alapraia (crescentes e trapézios) (cf., respectivamente, V. Leisner, A. do Paço e L. Ribeiro, *Grutas Artificiais de S. Pedro do Estoril*, Lisboa, s. ed., 1964; A. do Paço e E. Jalhay, As grutas de Alapraia, *Erotéria*, Lisboa, 6, 1942, p. 11; A. do Paço, Necrópole de Alapraia, *Academia Portuguesa de História. Anais*, Lisboa, 2.ª s., 6, 1955, pp. 23-140). A propósito de um micrólito trapezoidal da gruta IV, escreve Paço, no último trabalho citado: «Muito semelhante a outros da gruta II, de Porto Covo e mesmo de Cascais.»

(5) Os micrólitos dos dólmenes de Reguengos são divididos pelos autores em 8 tipos, que basicamente se podem integrar na classificação mais corrente em crescentes, trapézios (simétricos, assimétricos, e rectângulos) e triângulos. De notar que eles surgem nos mais variados tipos de antas, desde as de corredor curto, como a Anta 1 do Poço da Gateira, por ex., até às de corredor longo, entre as quais a Anta 1 da Farisoa. Na tholos da Comenda ocorreram dois micrólitos triangulares, embora os autores escrevam: «A falta de micrólitos é típica da cultura das tholoi.» (op. cit., p. 291). Diga-se, a propósito, que na tholos de Paimogo (Lourinhã) foi encontrado um segmento de círculo; na pág. 43 da respectiva monografia (Gally, Spindler, Trindade e V. Ferreira, *O Monumento Pré-histórico de Paimogo (Lourinhã)*, Lisboa, Assoc. dos Arqueól. Portg., 1973) voltam a referir a habitual relação deste tipo de artefactos com os monumentos megalíticos e as grutas artificiais.

Relativamente ao Alentejo Litoral, uma das áreas da Pré-história portuguesa mais sistematicamente estudadas, há que referir que J. Soares e C. T. da Silva encontraram no interior do dólmen da Palhota (Santiago do Cacém), triângulos (3) e trapézios (7). Os autores consideram que esta sepultura apresenta «marcada influência almeriense», podendo corresponder a «um momento avançado da fase média do desenvolvimento do megalitismo do Sul do País» (1.ª met. ou meados do 4.º mil. a. C.), e aproximam-na de outros monumentos da área ocidental costeira portuguesa (Figueira da Foz e região

É forçoso reconhecer que o trabalho sistemático dos Leisner, muito inspirados nos resultados (não publicados) das escavações de M. Heleno nos chamados «pequenos dólmenes» do Alto Alentejo, não teve até hoje a necessária continuidade, capaz de confirmar ou infirmar o quadro evolutivo que traçaram para o megalitismo português. Só recentemente P. Kalb ⁽⁶⁾ veio questionar, de forma oportuna, a pretensa, mas geralmente aceite, cronologia arcaica daqueles monumentos estudados por Heleno, tradicionalmente articulados com o ritual de enterramento individual, e com oferendas funerárias compostas por micrólitos e machados cilíndricos, com exclusão total ou quase total da cerâmica.

Seja como for, não restam dúvidas de que os micrólitos estão frequentemente presentes em monumentos de grandes dimensões, tanto no Alentejo, como na Beira Alta e noutras regiões. E, em dois casos, o do dólmen de Carapito 1 (Aguiar da Beira) e o da Anta Grande do Zambujeiro (Évora), eles parece estarem associados a uma fase antiga da utilização dos sepulcros. Na camada inferior de Carapito 1, datada pelo C14 de 2.900 ± 40 a. C., V. Leisner e L. Ribeiro encontraram um espólio que aquela autora considerou pertencer a um «Neolítico puro»: «micrólitos, lâminas sem retoque, artefactos de pedra polida (machado, objectos votivos, grandes contas de colar), assim como pequenas contas discóides de xisto em grande quantidade» ⁽⁷⁾. No caso do Zambujeiro, e como escreve P. Kalb, «durante o seu tempo de utilização uma das lajes da câmara caíu, separando assim inequivocamente uma fase mais antiga de uma mais recente. Debaxo do esteio tombado foram encontrados micrólitos, um machado de pedra e contas de «calaíte» [*sic*], enquanto que a cerâmica e os outros elementos que são considerados como característicos destes grandes túmulos de corredor (placas de ardósia, pontas de seta com retoque bifacial, etc.) apenas aparecem numa fase de utilização mais tardia» ⁽⁸⁾. A este respeito é também de citar a representação de uma cena de caça (certamente de carácter simbólico), num dos esteios pintados da Orca dos Juncais, na Beira Alta, em que os arqueiros utilizam pontas de seta terminando em gume (e portanto cortantes, não perfurantes), as quais podem corresponder a micrólitos geométricos. Trata-se, como é sabido, de um grande dólmen de câmara poligonal e corredor longo ⁽⁹⁾.

de Lisboa), contrastando-a com a fase inferior de utilização do monumento da Pedra Branca (Melides), que seria posterior, exprimindo-se, em termos de espólio, por uma abundância significativa de placas de xisto gravadas e de pontas de seta de base côncava, e poucos micrólitos (J. Soares e C. T. da Silva, O monumento megalítico da Palhota (Santiago do Cacém), *Setúbal Arqueológica*, 2-3, 1976-77, pp. 109-150; *idem*, *Pré-história da Área de Sines*, Lisboa, Gab. da Área de Sines, 1981, pp. 102-117).

Na zona de Lisboa, o dólmen de Casainhos (Loures), por ex., revelou 11 micrólitos, entre os quais 2 triângulos e 9 trapézios. Leisner, Zbyszewski e V. Ferreira (*Les Monuments Préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos*, Lisboa, Serv. Geológicos de Portugal, 1969, Memórias, n.º 16) consideram que estes artefactos «(...) mostram uma vez mais as relações da cultura dolménica com os estratos neolíticos da região», lembrando que eles «estão completamente ausentes nos dois sectores da Praia das Maças.» (*op. cit.*, p. 82).

⁽¹⁾ Philine Kalb, Zur relativen chronologie portugiesischer megalithgräber, *Madrider Mitteilungen*, 22, 1981, pp. 55-77. Agradecemos a Isabel Figueiral a tradução deste artigo para português.

⁽⁷⁾ V. Leisner, *op. cit.* na nota 3, pp. 11 e 13. V. também V. Leisner e L. Ribeiro, *Die dolmen von Carapito*, *Madrider Mitteilungen*, 9, 1968, pp. 11-62.

⁽⁸⁾ P. Kalb, *op. cit.* na nota 6, p. 69.

⁽⁹⁾ De forma simplista, certos autores interpretaram estas pinturas como anteriores ao monumento (*cf.* V. Leisner, *op. cit.* na nota 1, p. 198; O. V. Ferreira e M. Leitão, *Portugal Pré-histórico. Seu Enquadramento no Mediterrâneo*, Lisboa, Publ. Europa-América, s/d., p. 120).

Os micrólitos «megalíticos» do Norte de Portugal

Apresentamos a seguir um quadro descritivo de 26 micrólitos encontrados em dólmens situados a Norte do Douro (Quadro I) ⁽¹⁰⁾. Os de Penafiel, Vila do Conde e Carrazeda de Ansiães provêm de escavações antigas; os restantes, dos trabalhos efectuados nos últimos anos na Serra da Aboboreira, por vários autores, à excepção do da Mamoa 1 das Madorras em Trás-os-Montes, em curso de escavação por Huet Bacelar Gonçalves ⁽¹¹⁾. No Quadro II, onde também se incluíram alguns micrólitos encontrados por Domingos de Pinho Brandão nas mamoas de Escariz, já no concelho de Arouca (mas ainda na província do Douro Litoral) ⁽¹²⁾, encontra-se uma distribuição por tipos. Tratando-se, apenas, de um total de 33 objectos, as percentagens apresentadas são, por ora, de valor muito relativo.

Com base nas escavações da Aboboreira — onde, note-se, nunca apareceu uma única ponta de seta, apesar de já terem sido analisadas 24 mamoas, embora nem todas contenham dólmens — devemos dizer que micrólitos de vários tipos surgem nos mesmos monumentos, sem que possamos por ora diferenciá-los cronologicamente, se é que tal diferenciação tem algum sentido. Na Mamoa 1 de Outeiro de Ante, por exemplo, encontrámos em 1981, na parte inferior (embora não intacta) da câmara, junto ao granito da base, seis micrólitos, que devem pertencer à utilização inicial deste grande sepulcro de câmara aberta a nascente; três são segmentos de círculo, e outros três trapézios assimétricos, tendo um destes últimos a truncatura maior curta. Na Mamoa 2 de Cabritos, escavada em 1983, exumámos dois micrólitos, nas terras revolvidas da área da câmara, sendo um deles um trapézio e, o outro, um crescente.

Pela observação dos quadros, verificamos que, à escala do Norte de Portugal, os trapézios são os mais abundantes, seguidos dos segmentos de círculo e dos triângulos. Adentro dos trapézios, os trapézios assimétricos com truncatura maior alongada são os mais representados.

Quanto aos tipos de monumentos em que os micrólitos estudados ocorreram, devemos dizer que se não dispõe de dados suficientes para a caracterização dos antigamente escavados (e nunca publicados) em Penafiel (Monte Mozinho) e em Arouca (Escariz). A Mamoa 1 das Madorras (Sabrosa), é um monumento de grandes dimensões, com uma câmara enorme sustentada por um espesso contraforte, embora seja ainda prematuro afirmar se teria ou não corredor ⁽¹³⁾. O dólmen de Zedes é constituído por uma câmara poligonal de pequenas dimensões, com vestíbulo, e escassos

⁽¹⁰⁾ Os micrólitos provenientes de Penafiel e do monumento de Zedes encontram-se no Museu do Instituto de Antropologia da Fac. de Ciências do Porto; os de Guilhabeu, na colecção do Grémio da Lavoura de V.^a do Conde; os da Aboboreira, no Museu Municipal de Baião.

⁽¹¹⁾ Agradecemos a este arqueólogo a possibilidade que nos deu de incluir aqui dois micrólitos encontrados nas suas escavações, ainda inéditas, da Mamoa da Touta (Baião) e da Mamoa 1 das Madorras (Sabrosa) (um exemplar em cada uma).

⁽¹²⁾ Aguarda-se há vários anos a publicação dos resultados das escavações de Pinho Brandão em Escariz. Entretanto, devemos a este investigador a oportunidade que tivemos de realizar uma análise preliminar dos artefactos nelas exumados, o que agradecemos. Tais artefactos pertencem às colecções do Museu do Seminário Maior (Porto). Recentemente, na Mamoa 2 de Aliviada (Escariz), F. Augusto Silva exumou 16 micrólitos geométricos, entre os quais 9 trapézios (assimétricos), 4 segmentos e 3 triângulos (cf. F. A. P. da Silva, Escavações da Mamoa 2 da Aliviada (Aliviada) — Escariz. Arouca 1984, *Arqueologia*, 15, Junho 1987 (em preparação).

⁽¹³⁾ Informação pessoal de Huet B. Gonçalves, que agradecemos.

QUADRO I

N.º de ordem	Proveniência	Tipologia	Matéria-prima	Dimensões		
				Comp.	Larg.	Esp.
1	Praina do Loureiro, Mozinho (Penafiel)	Trapézio assimétrico com truncatura maior alongada	Sílex	2,7 cm	0,9 cm	0,2 cm
2	Idem	Idem	Idem	3,2 cm	1,4 cm	0,3 cm
3	Praina do Loureiro n.º 11	Idem	Idem	2,7 cm	1,1 cm	0,3 cm
4	Idem	Trapézio simétrico com truncaturas muito oblíquas	Idem	2,8 cm	1,2 cm	0,3 cm
5	Idem	Segmento de círculo largo	Idem	2,9 cm	1,1 cm	0,3 cm
6	Idem	Trapézio assimétrico com truncatura maior alongada (forma próxima de um segmento)	Idem	2,5 cm	1,1 cm	0,3 cm
7	Idem	Segmento de círculo largo (assimétrico)	Idem	2,5 cm	1,2 cm	0,4 cm
8	Praina do Loureiro (?)	Trapézio simétrico com truncaturas muito oblíquas	Jaspe	2,5 cm	1,1 cm	0,4 cm
9	Idem	Trapézio assimétrico com truncatura maior alongada	Sílex	3 cm	1,2 cm	0,3 cm
10	P. T. B. n.º 7 (Perto da Tapada de Baltar, Penafiel?)	Trapézio fragmentado (talvez trap. simétrico com truncaturas muito oblíquas)	Idem	3 cm	1,4 cm	0,3 cm
11	Mamoas de Guilhabreu (Vila do Conde)	Trapézio simétrico com truncatura maior alongada	Idem	2,3 cm	1,3 cm	0,3 cm
12	Idem	Trapézio simétrico (?) com truncaturas muito oblíquas (fragmentado)	Idem	1,9 cm	1 cm	0,3 cm
13	Idem	Triângulo isósceles	Idem	1,8 cm	1,2 cm	0,3 cm

QUADRO I (cont.)

N.º de ordem	Proveniência	Tipologia	Matéria-prima	Dimensões		
				Comp.	Larg.	Esp.
14	Mamoia 1 de Outeiro de Ante (Baião)	Trapézio assimétrico com trancatura maior alongada	Idem	2,8 cm	1,1 cm	0,3 cm
15	Idem	Trapézio assimétrico com trancatura maior curta	Sílex	2,5 cm	1 cm	0,3 cm
16	Idem	Trapézio assimétrico com trancatura maior alongada (forma limite entre o trapézio e o segmento de círculo)	Idem	2,8 cm	1,2 cm	0,4 cm
17	Idem	Segmento largo	Idem	2,9 cm	1,3 cm	0,3 cm
18	Idem	Idem	Idem	2,6 cm	1,3 cm	0,3 cm
19	Idem	Idem	Idem	2,7 cm	1,3 cm	0,2 cm
20	Mamoia 3 de Outeiro de Ante (Baião)	Segmento	Idem	2,6 cm	0,8 cm	0,3 cm
21	Mamoia 1 da Abogalheira (Amarante)	Trapézio assimétrico com trancatura maior alongada	Idem	3,1 cm	1,5 cm	0,4 cm
22	Mamoia 2 de Cabritos (Amarante)	Trapézio assimétrico com trancatura maior curta	Idem	2,4 cm	1,3 cm	0,3 cm
23	Idem	Segmento largo, assimétrico	Idem	2,3 cm	1,1 cm	0,3 cm
24	Mamoia da Touta (Baião)	Trapézio assimétrico com trancatura maior alongada	Idem	3 cm	1 cm	0,3 cm
25	Dólmen de Zedes (Carrazeda de Ansiães)	Triângulo escaleno	Idem	3,6 cm	1,5 cm	0,3 cm
26	Mamoia 1 de Madorras (Sabrosa)	Segmento largo	Idem	2,3 cm	1,1 cm	0,3 cm

QUADRO II

Proveniência	Triângulos				Segmentos de círculo	Trapézios						
	Isósceles		Escalenos			Simétricos com truncaturas muito oblíquas	Assimétricos com truncatura maior curta	Assimétricos com truncatura maior alongada				
Praina do Loureiro (Penafiel)												2
Praina do Loureiro n.º 11 (Penafiel)					2 (largos)	1						2
Praina do Loureiro (?)						1						1
P. T. B. n.º 7 (Perto da Tapada de Baltar, Penafiel?)						1 (?)						
Mamoas de Guilhabreu (Vila do Conde)	1					1 (?)						1
Mamoas 1 de Outeiro de Ante (Baião)					3 (largos)			1				2
Mamoas 3 de Outeiro de Ante (Baião)					1							
Mamoas 1 da Abogalheira (Amarante)												1
Mamoas 2 de Cabritos (Amarante)					1 (largo)			1				
Mamoas da Touta (Baião)												1
Dólmen de Zedes (Carrazeda de Ansiães)			1									
Mamoas 1 de Madorras (Sabrosa)					1 (largo)							
Mamoas do Tio Manel — Escariz (Arouca)	2				1 (largo)							2
Mamoas 2 de Alviada — Escariz (Arouca)					1 (largo)							1
Totais e percentagens	3	9 %	1	3 %	10	30 %	4	12 %	2	6 %	13	39 %

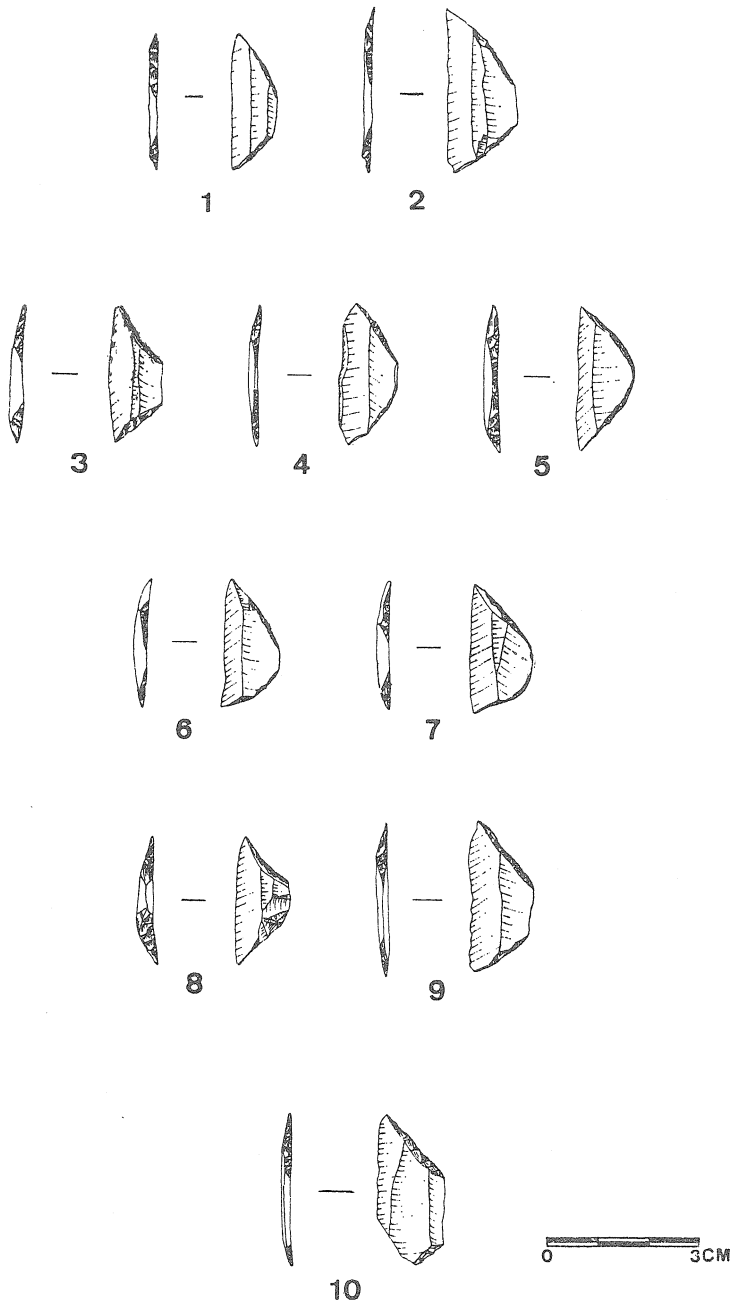


Fig. 1 — Micrólitos geométricos das mamoadas do Monte Mozinho (Penafiel): Praina do Loureiro (1 a 9) e Tapada de Baltar (?) (10) (quadro 1, n.ºs 1 a 10). Desenhos de S. O. Jorge.

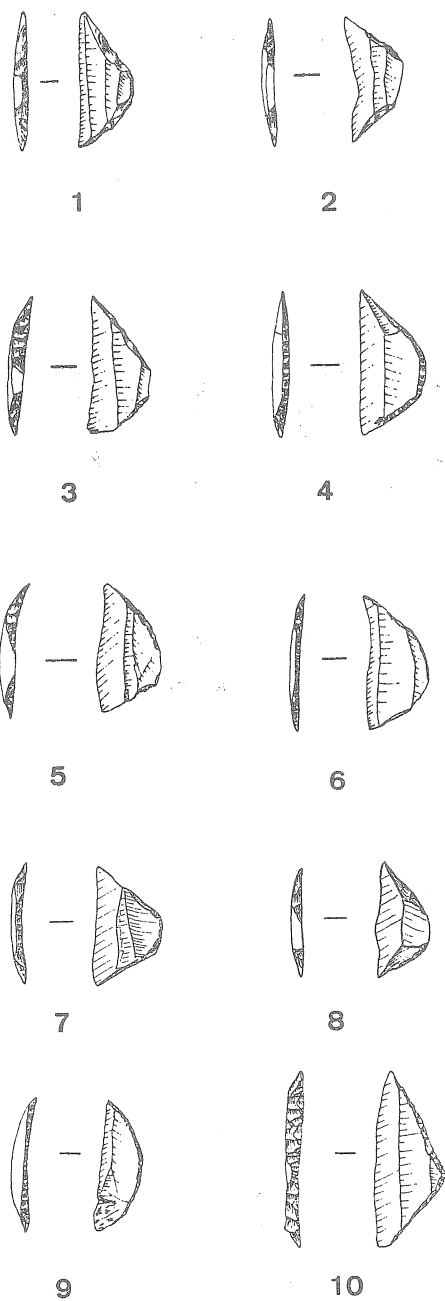


Fig. 2 — Micrólitos provenientes da Mamoa 1 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira) (1 a 6), da Mamoa 2 de Cabritos (Idem) (7 e 8), da Mamoa 3 de Outeiro de Ante (Idem) (9) e do Dólmen de Zedes (Carrazeda de Ansiães) (10) (quadro 1, n.ºs 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 20 e 25, respectivamente). Desenhos de S. O. Jorge.

vestígios de mamoa ⁽¹⁴⁾. Os dólmenes da Aboboreira constantes dos quadros são todos desprovidos de corredor, embora as suas dimensões e tipologia variem consideravelmente; todos teriam câmara fechada, à excepção do de Outeiro de Ante 1, como dissemos. A cronologia que apontamos para o conjunto dos monumentos desta necrópole que revelaram micrólitos situar-se-á, *grosso modo*, entre os últimos séculos dos IV.º e os primeiros séculos do III.º milénio a. C.; mas faltam-nos ainda muitas outras datações pelo C14 para podermos ser mais precisos. *A priori* nada impediria a sua contemporaneidade genérica com as fases de construção e de utilização dos grandes dólmenes beirões já datados.

Dada a presença de pontas de seta de retoque bifacial, quase sempre de base convexa, triangular, e com frequência de grandes dimensões, noutros monumentos megalíticos do Norte de Portugal ⁽¹⁵⁾, um dos quais revelou, recentemente, mais de 70 desses artefactos ⁽¹⁶⁾, põe-se a questão de saber se estes materiais coexistiram, em certa fase, com a utilização de micrólitos, ou se, pelo contrário, os vieram substituir numa fase média (e, eventualmente, recente?) do megalitismo, como têm proposto alguns investigadores galegos para a sua região ⁽¹⁷⁾. Terão tais pontas de seta — cuja cronologia é por ora incerta — convivido ainda, pelo menos em certos casos, com o campaniforme? Os monumentos da Barrosa (Caminha), Chafé (Viana do Castelo) e Guilhabreu (Vila do Conde) continuam, simultaneamente, fragmentos campaniformes e pontas de seta, mas em condições de jazida imprecisas ou inconclusivas ⁽¹⁸⁾. Seja como for, este é um dos aspectos interessantes que as pesquisas em curso tentarão resolver ⁽¹⁹⁾.

Porto, Maio de 1986.

VÍTOR OLIVEIRA JORGE

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto

⁽¹⁴⁾ V. J. R. dos Santos Júnior, *Pinturas Megalíticas no Concelho de Carraceda de Ansiães*, Porto, Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, 1930; V. O. Jorge, *Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto — os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu*, Porto, Fac. Letras (diss. de doutoram., policopiada), 1982, vol. I, p. 465.

⁽¹⁵⁾ V. Susana O. Jorge, Pontas de seta provenientes de túmulos megalíticos do Noroeste de Portugal, *Minia*, 2.ª s., vol. 1, 2, 1978, pp. 99-175; V. O. Jorge, *op. cit.* na nota 14, pp. 744-750.

⁽¹⁶⁾ Cf. E. J. Lopes da Silva e J. A. Maia Marques, Escavação da Mamoa de Chafé — Viana do Castelo (Notícia preliminar), *Arqueologia*, 13, Junho 1986, Notícias, pp. 207-208.

⁽¹⁷⁾ Cf. A. Rodrigues Casal, O Megalitismo na Galiza. A sua problemática e o estado actual da investigación. *Actas da I.ª Mesa-redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Porto, C. E. A. P., 1979, p. 109; idem, O megalitismo Galego: a problemática suscitada a partir das investigações más recentes, *Portugalía*, n. s., vol. IV/V, 1983/84, p.50. Quanto a nós, as periodizações apontadas por este autor são prematuras, além de que, *a priori* parecem, simplistas.

⁽¹⁸⁾ Além da notícia cit. na nota anterior, v. V. O. Jorge, *op. cit.* na nota 14, pp. 424-425 e pp. 488-489. Nesta obra citam-se os trabalhos resultantes das escavações em Barrosa (M. Sarmento, Castro Nunes) e Guilhabreu (E. Pinto e A. do Paço).

⁽¹⁹⁾ A presente nótula corresponde à reformulação de uma alínea da parte D, cap. I, da dissert. de doutoram. do autor. Cf. *op. cit.* na nota 14, pp. 741-744. Após a sua entrega para publicação, durante a campanha de trabalhos de 1986, diversas mamoas escavadas no Norte do país revelaram novos micrólitos, com destaque para uma das mamoas de Sanhoane, Mogadouro (Leste de Trás-os-Montes), estudada por M.ª de Jesus Sanches, da Fac. de Letras do Porto. Como se vê a dinâmica das investigações a que felizmente se assiste torna rapidamente ultrapassada qualquer tentativa de balanço dos resultados obtidos.